



**A escrita na  
frequência da  
vida**

*Jacqueline Ferraz de Lima*

eu não poderia começar sem mencionar as colagens,  
as que estampam os cartazes do evento<sup>1</sup>, as que estampam a  
primeira edição da revista Paisagens Econômicas  
isso porque o meu próprio processo de escrita é bastante  
influenciado por essa técnica artística,  
sobretudo as feitas por artistas da diáspora, indígenas, como  
Rosana Paulino, Gê Viana, Denilson Baniwa

a colagem é um processo artístico artesanal feito com  
recortes, cola, sobreposição de papéis  
uma arte bastante ligada ao banal que tem  
o próprio cotidiano como espaço de experimentação  
as colagens  
confluem materiais heterogêneos e  
fazem deles/com eles  
novas combinações,  
abrem possibilidades  
as colagens  
insurgem como uma subversão  
à pintura, ao desenho  
nos anos 20 do século XX  
rompem com as construções de imagens ali feitas  
rompem com a representação  
do ocidente na arte  
vão dizer alguns artistas  
uma arte considerada radical  
pois o repertório de imagens dos artistas se junta às imagens da  
população comum

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado no lançamento deste periódico durante o 1º Seminário Paisagens Econômicas, que aconteceu na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) entre os dias 05 e 07 de agosto de 2024.

faz das imagens  
até então reservadas para poucos  
uma arte que se apropria dos vestígios do mundo real  
a colagem gera novas perspectivas, já disse  
outras formas de apreender e expressar a realidade  
não posso deixar de mencionar Hannah Hoch, das pioneiras nesse  
modo de expressar o pensamento  
Hannah Hoch produziu imagens declaradamente políticas  
evidentemente críticas  
ao contexto que estava inserida:  
o político econômico social,  
expondo maquinarias, motores, cidades  
em plena transformação industrial  
e o dadaísta, com sua rolinha masculina

o pensamento-colagem, vou chamar assim  
uma atmosfera, um meio – no sentido ecológico – que vai  
ouso dizer,  
inspirar muitos dos trabalhos e das pesquisas realizados no LE-E  
que buscam

encorajar análises que, por meio de estratégias descritivas de bifurcação, eco, diferenciação e analogias com materiais etnográficos e bibliográficos dos mais diversos, operem torções de perspectivas, descrições inesperadas, comparações não convencionais e contrastes de lógicas que eliciem, de um lado, os efeitos de tecnologias estatal-corporativas sobre diferentes grupos e as atuais transformações que marcam a era do capitalismo financeiro, e de outro, formas alternativas de economia diante das transformações planetárias decorrentes do antropoceno

um grupo de pesquisa cujas pesquisadoras e pesquisadores se reúnem menos por filiação temática e mais por aliança diante das preocupações com a forma do texto muito inspirados, e aí não só atravessados pela atmosfera, mas diretamente, pelos trabalhos de Marilyn Strathern, suas herdeiras, seus herdeiros (eu queria falar mais disso, mas não posso agora, preciso seguir) para o campo e a escrita – sim, o que é também ficar com as ideias de Marilyn Strathern ecoando muitas das discussões travadas no LE-E perpassam a relação entre o campo e a escrita – e o tempo entre esses dois momentos que compõem o texto etnográfico um tempo, definitivamente nada cronológico talvez mais próximo do tempo banto – e aí sou eu que estou dizendo, pensando junto com a professora Leda Maria Martins – o tempo que dança, o tempo entendido como uma dança espiralado passado, o campo, que se faz no presente a fazer futuro, a escrita. uma coreografia do tempo – do campo, e o que fazem lá da gente?, à etnografia, o que fazemos desse encontro no texto todos os cheiros, os gestos, os sons, as paisagens, as texturas, os contornos, imagens que fazem os textos

da vida  
escrever etnografia na frequência da vida

o que fez do campo, a escrita?; o que o campo faz com a escrita?  
questões que também atravessam o imuê,  
onde o trabalho

é descrever a economia tal como percebida e vivida por mulheres em geral consideradas beneficiárias, mas não formuladoras, de projetos de desenvolvimento econômico. Procuramos pensar no imuê com a luta de mulheres indígenas, mulheres do campo, mulheres quilombolas por seus direitos territoriais; redes de trocas entre mulheres; circulação de conhecimento entre mulheres, famílias e gerações; cadeias de produção agroecológica; mulheres e mercados urbanos; experimentos locais com moedas sociais ou digitais; noções de futuro que guiam a economia doméstica; o impacto de benefícios e projetos sociais voltados a mulheres; entre muitos outros temas. A pergunta que guia o coletivo de pesquisadoras no imuê é: o que as mulheres em diferentes regiões do país e com diferentes perspectivas culturais, étnicas, raciais e de classe podem nos ensinar sobre a economia tal como vivida no cotidiano?

no imuê pensamos a prática da escrita, a escrita que se engaja, as formas coletivas de afetamento sabemos que os textos mudam a depender do encontro (e a urgência) – que muda a escrita essas questões foram vivamente debatidas no **primeiro fórum imuê**, que resultou na publicação do primeiro livro **A abordagem etnográfica e o desafio das composições coletivas** livro seguido pelas publicações: **Juventude viva sempre! A luta das mães da saudade;** **Acorda povo!**, uma cartilha **Elisângela Maranhão dos Santos: Mães do Saudade de**

Pernambuco, resistência e luta pela vida

talvez não exatamente nessa ordem, peço que me desculpem a falta de cronologia

posteriormente,

ou conjuntamente,

porque tudo acontece com um pouco de fim e começo,

veio a série Políticas da Pandemia

uma série de consultas semanais com lideranças que estavam na linha de frente vivendo os impactos da pandemia do coronavírus nas comunidades. O objetivo foi traçar estratégias emergenciais e pensar juntas soluções para a proteção das mulheres mais afetadas pelas medidas econômicas e de isolamento social

os encontros Políticas da Pandemia liberaram outras formas de

textos publicados pelo imuê

reflexões sobre a pandemia / reflexões do comum / experiências

compartilhadas, comunitárias,

circulares

textos curtos / longos /

transcrições de entrevistas/ produções de arte / colagens/

audiobook até / poesia

poesia que emana também nas publicações da

Coleção Cachoeiras, mulheres escrevendo o recôncavo baiano

a série de livros escritos em conjunto para contar suas histórias de vida e refletir sobre as várias formas de se narrar o Recôncavo (...) histórias de resistência de mulheres em uma região marcada por anos de escravidão e pela economia dos engenhos de cana-de-açúcar. Com uma população majoritariamente negra, o Recôncavo é informado cotidianamente por um saber ancestral que resiste espiritual e epistemologicamente às diversas violências impostas pela colonização e suas consequências atuais

A coleção Cachoeiras é feita de  
“Memórias de uma menina da ladeira”,  
a escrita encantadora de Lucineide Souza;  
“O samba do pé e da palma delas”,  
sobre o Samba de Roda em Cachoeira por Any Manuela Freitas;  
histórias de uma casa-árvore em a “Casamendoeira”,  
por Deisiane Barbosa;  
retomada do protagonismo de sua própria história em “Ninguém  
fica no silêncio”,  
por Rose Miranda;  
e memórias de uma professora e artista da dança  
Clara Amorim Duca em  
“Foi um prazer estar em sua companhia”  
costuras de livros a mão, um a um  
tal qual o  
Histórias de bois. Mulheres brincantes em Pernambuco  
um título ainda provisório para a próxima publicação do instituto  
uma autobiografia [escrita coletivamente] de Andréa Guerreira

Andréa de Oliveira Araújo, presidenta do Boi Mandingueiro. Ela é uma dessas lideranças que vem ampliando a participação de mulheres em grupos de Boi com sua atuação na Mata do Ronca, em Paulista, Pernambuco. O livro conta sua história, sua atuação como mestra da cultura popular e sua movimentação na criação de redes de mulheres de Bois

o fio que conecta as publicações do imuê é, digamos,  
a aproximação entre o literário e a vida tal qual experimentada no  
ordinário  
o narrar o específico da vida na escrita – e as nuances do que é,





como se diz, imperceptível  
tecer a paisagem como se percebe, como se vive o tempo e o  
espaço, e seus afetamentos de modo bastante singulares  
por vezes invisíveis (apagados/silenciados),  
o que nos convoca também a alguns “experimentos de  
pensamento”, empresto o conceito da professora Denise Ferreira  
da Silva e sua poética negrofeminista, a qual vai colocar as  
categorias a favor da descolonização  
logo, falo de uma escrita do imaginário que especula mundos  
possíveis e nos dá outras ferramentas para conhecer o nosso  
próprio mundo  
imaginário – a arte e a resistência social – experiência no/do texto –  
produção de linguagem  
no modo como mulheres contam suas vidas, afetos, crias,  
quintais, vizinhos, deuses, magias,  
política, economia...  
elas que têm as palavras de suas histórias, de seus pensamentos e  
memórias,  
e as escrevem com os passos,  
os abraços, as cores,  
com o que guardam dos caminhos, no  
corpo – todo – , que escreve - dança – dança como o tempo –  
um estado de linguagem capaz de grafar, gerar  
imagens, e aí eu chego onde comecei,  
nas colagens,  
porque como diz Andréa Guerreira, *tudo é sempre um grande  
começo*